

ARTIGO

ARTICULO

TRANSITORIEDADE E TEMPORALIDADE: EFEITOS PSÍQUICOS DA PANDEMIA EM ADULTOS MADUROS

TRANSITORIEDAD Y TEMPORALIDAD: EFECTOS PSÍQUICOS DE LA PANDEMIA SOBRE LOS ADULTOS MAYORES

Denise Martinez Souza

Coordinadora y supervisora del Curso de Especialización en
Psicoterapia Psicoanalítica para Adultos Maduros del Instituto Cyro Martins,
coautora del libro El Adulto Maduro en el diván.

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Martinez Souza D. (2021) TRANSITORIEDADE E TEMPORALIDADE: EFEITOS PSÍQUICOS DA PANDEMIA
EM ADULTOS MADUROS Intercambio Psicoanalítico 12 (1),
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

TRANSITORIEDADE E TEMPORALIDADE: EFEITOS PSÍQUICOS DA PANDEMIA EM ADULTOS MADUROS¹

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Psicoanálisis em tiempos de Pandemia: sufrimientos subjetivos, mal estares colectivos, da Faculdade de Psicologia da Universidad Católica de Santa Fé, Argentina.

Denise Martinez Souza¹

¹ Psicóloga, Psicanalista, Membro Pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, coordenadora e supervisora do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica de Adultos Maduros no Instituto Cyro Martins, coautora do livro O Adulto Maduro no divã.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo abordar sucintamente a história do envelhecimento ao longo dos tempos, os preconceitos com relação aos velhos, bem como discorrer sobre a solidão como sentimento e circunstância do ser humano, pensando no sofrimento emocional vivido pelos idosos nesses tempos pandêmicos. Pretendo demonstrar que a consciência da transitoriedade e temporalidade traz matizes afetivos diferenciados às vivências de isolamento social na velhice.

Palavras-chave: Solidão. Isolamento. Velhice. Transitoriedade. Temporalidade.

Início dizendo que acredito que de todos os dispositivos que temos para pensar e compreender os fenômenos subjetivos e do mundo, em especial os atuais, que seriam a ciência por um lado e a religião por outro, com certeza, a psicanálise é o dispositivo mais eficiente e eficaz para compreender, explicar e trabalhar a favor da subjetividade e da coletividade.

A ciência com a razão, a religião com a fé, falham em nos ajudar nesse momento de pandemia, e a psicanálise vem ao nosso encontro, tentando dar sentido e significado ao que ainda não tem nome e é sentido/vivido nesse momento tão sombrio.

A necessidade de isolamento imposta como via preventiva contra o Covid-19, põe em evidência a solidão e a forma como lidamos com ela, como sentimento e como circunstância do humano, com maior ou menor sofrimento psíquico.

A relação entre solidão e isolamento já está posta por definição. No que tange ao lugar que o velho ocupa na cultura e na sociedade, a solidão toma o matiz do abandono, do desamparo e da desvalia. Na pandemia, isso não seria diferente, e vemos o acento dessa função quase desobjetalizante, quando escutamos nos primórdios da crise de alguns governantes “essa pandemia só mata os velhos”, ou seja, não há com o que se preocupar.

A ideia de que os velhos são descartáveis, acompanha a evolução da humanidade desde os primórdios da nossa organização social, quando ainda vivíamos em hordas.

Os indivíduos mais frágeis e vulneráveis eram abandonados, como acontece em qualquer bando de mamíferos. Os velhos eram os primeiros a sê-los, junto com as crianças deficientes.

Posteriormente, os raros adultos longevos passaram a ser tratados com deferência, pois viver mais tempo lhes garantia uma sabedoria que passou a ser reconhecida.

O velho começa a ter uma função social importante como guardião da memória e da tradição. A sociedade passou a contar com suas narrativas orais, como forma de manter a história e a identidade grupal vivas. Vimos isso acontecer nas culturas indígenas das Américas, nas tribos africanas e da Oceania, bem como na China, no Japão, no Senado Romano, para citar alguns.

Lembremos, entretanto, que se tratava de uma minoria privilegiada, pois até meados do século XX, a expectativa de vida era 30/40 anos.

É muito recente a possibilidade que, hoje, é garantida aos adultos maduros de envelhecer em grande número e com maior hígidez.

Temos, na atualidade, um fenômeno digno de nota que é a retangularização da pirâmide populacional e, em muitos países, uma taxa de reposição negativa, o que pode chegar a uma inversão da pirâmide jamais imaginada antes.

O mundo estava totalmente despreparado para essa realidade, ocasionando uma demanda à população mais jovem e um colapso do sistema previdenciário.

Existem hoje, no mundo, mais de 11 milhões de pessoas com mais de 90 anos e 326 mil pessoas com mais de 100 anos.

“A projeção de idosos com mais de 60 anos em 2025 no Brasil é de aproximadamente 34 milhões de pessoas, colocando o Brasil no 6º lugar do mundo em número de idosos” (Schneider, Bonardi, Gomes y Costa apud Macedo, 2006).

A população com mais de 60 anos na Argentina é de 14.3%, cerca de 4.500.000 milhões de pessoas. Em 2050, a expectativa é de 20% de idosos, sendo a terceira população mais velha da América Latina, após Uruguai e Cuba (Demografia da Argentina, 2021).

A falta de planejamento do Estado, o despreparo da sociedade para acolher essa nova realidade, transformou a longevidade, que é um privilégio de muitos, em um desconforto e uma grande preocupação tardia. A dificuldade de pensar na velhice e no envelhecimento populacional, a dificuldade de inclusão, se evidenciou também nas teorias que sustentam a compreensão psicodinâmica do processo do envelhecimento e da Adulter Madura.

Vejam que, também, a psicanálise promoveu um isolamento da população mais idosa quando seguiu considerando que um indivíduo de 50 anos não teria plasticidade psíquica para uma análise como preconizava Freud, justificadamente, nos idos de 1900, quando a expectativa de vida era de 30 anos.

Desinvestimento também caracterizado pelos poucos estudos, tanto teóricos como técnicos, realizados sobre essa faixa etária.

Na busca por atendimento, os sentimentos dos idosos de incompreensão com o momento vivido, a sensação de isolamento, de rechaço, de desqualificação e o sentimento de solidão, mostraram-se uma constante no individual e no coletivo.

Diante destas perspectivas, não podemos considerar que a solidão na velhice possa ser considerada igual às demais fases do desenvolvimento, quando os velhos tornam-se os desgarrados dos laços coletivos. Devemos ainda considerar que o processo do envelhecimento em si mesmo, com seu árduo trabalho de elaboração dos lutos, é por si só solitário e difícil.

I Solidão e o processo do envelhecimento

Temos referido que adulto maduro enfrentará importantes mudanças em sua vida ao enfrentar a crise de ajustamento à adultez madura. Suas muitas perdas produzirão uma sintomatologia florida, reunindo defesas características do luto, da melancolia, da hipocondria e das doenças orgânicas, sem que todos se façam presentes.

Temos mostrado a correlação existente entre as perdas vividas na adolescência e as perdas do envelhecimento como a perda do corpo jovem, dos pais da maturidade, da autoimagem, do papel que desempenhara até então.

Outras, entretanto, serão exclusivas do envelhecimento como perda da potência sexual, da capacidade reprodutiva, dos filhos dependentes, o enfrentamento do ninho vazio, perda dos iguais, perdas relativas à aposentadoria.

A pele que habita, agora mergulhada nos contornos do envelhecimento, é desconhecida. Passa, ainda, a conviver com os limites impostos pelas perdas físicas, perda do tônus muscular, do espaço corporal, da motricidade fina e ampla, da acuidade visual.

Semelhante ao que fizera na infância e na adolescência, o “eu” deverá voltar a habitar esse novo/velho corpo que o envelhecimento lhe apresenta e que desloca o centro, o eixo, o cerne do self, porque a casca mudou.

Imerso nesse estranhamento, comum à desconfortável sensação de não reconhecer-se e nem ser reconhecido pelo ambiente, sente ameaçado o sentimento de pertencimento.

Enfrentarão sintomas como a despersonalização, a desrealização, o retraimento, vivências de cisão e desintegração temporárias que poderão, ou não, evoluir para os movimentos da interioridade que conduzem à integração e ao resgate da integridade.

Todas as percepções e sentimentos descritos podem conduzir a um retraimento, marca de um desinvestimento na realidade externa e o incremento da ligação com o mundo interno.

O adulto maduro passa a habitar um lugar ermo dentro de si mesmo, crescendo a desmotivação, comportamentos inibidos, retração afetiva e astenia, irritabilidade e mudanças de humor. Sintomas muito semelhantes a um processo depressivo, sem que o seja efetivamente.

O mundo fica mais pobre e o eu, sem os registros valorizados de si, fica sombreado.

Esse retraimento compulsório é vivido também como um exílio social, pois os sentimentos internos e as percepções externas se misturam e se superpõem.

Solidão e sentimento de solidão ficam potencializados, condensados, aumentando o sofrimento psíquico.

Chamamos, porém, a atenção, em especial, para o mais significativo desta fase que é a perda da ilusão do tempo infinito, a consciência da finitude e da transitoriedade, culminando com a impossibilidade de negar a realidade da morte.

Pensemos nos contornos desses sentimentos diante do confinamento exigido pela pandemia, pelo isolamento de filhos, netos e convívio familiar e social. Pensemos que a tentativa de enfrentar a crise de ajustamento ao envelhecimento, quando o isolamento se faz uma imposição, potencializa os sintomas acima descritos.

Aqueles adultos maduros que conseguiram elaborar os lutos decorrentes da Síndrome Normal da Adulterez Madura, como denominamos, e que ainda são hígidos e gozam de razoável independência, enfrentarão conflitos importantes devido ao enfrentamento da transitoriedade. Naqueles mais dependentes ou institucionalizados, entendemos que a alteração se fará sentir em menor escala.

II Transitoriedade e temporalidade na adulterez madura

Em seu célebre e belo texto “Sobre a transitoriedade”, Freud (1916 [1915]) alerta para os sentimentos conflitivos que experimentamos quando nos defrontamos com a nossa perenidade que se contrapõe, inexoravelmente, ao anseio de imortalidade que habita em todo ser humano.

E adverte que: “O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição.” (Freud, 1916 [1915], p. 345).

Quando nos defrontamos diante da verdade irrefutável do envelhecimento e a proximidade da morte, não pode mais ser negada ou desmentida, se o desejo de viver prevalecer ao temor da morte, o adulto maduro estará empenhado em reivindicar, fruir o tempo, como algo que não deve ser desperdiçado.

A consciência da finitude é uma das grandes aquisições do processo de elaboração da crise de ajustamento ao envelhecimento. A percepção da transitoriedade retira nossa ilusão de perenidade, nos arremessa à percepção do desamparo, de nossa incompletude e impotência. Temos que admitir que a vida seja transitória e que a exigência de imortalidade não pode reivindicar nenhum direito à realidade.

Freud (1916 [1915]) ainda nos fala de duas tendências psíquicas que o ser humano apresenta diante da impossibilidade de existir sem perecer: “o doloroso cansaço do mundo” vivido como desalento e “[...] a rebelião contra o fato consumado” (p. 345), resultantes de uma revolta na mente contra o trabalho de luto que se faz necessário diante dessa verdade inexorável.

Percebemos estas duas tendências diante desses tempos pandêmicos: o desalento pela impossibilidade de fruir a vida pela ameaça do coronavírus e o sentimento de revolta pelo confinamento. Nos adultos maduros, esses sentimentos se potencializam e incrementam o desejo de rebelar-se contra essa prisão autoimposta e desafiar o perigo.

O que poderia ser entendido como uma atitude inconsequente, pode ser explicado pela consciência da finitude e o desejo legítimo de usufruir da vida que ainda lhe resta viver. Quanto mais idoso o adulto maduro, menor a perspectiva de futuro e a premência de viver o presente.

Devemos compreender que a temporalidade na velhice assume um caráter inverso da temporalidade do adulto jovem ou nas fases iniciais da adultez madura, onde a aposta e a ilusão de futuro prevalecem. Diferente de uma pessoa mais jovem, que sente que o futuro está comprometido a curto e médio prazo, o adulto maduro se ressentido, porque é o presente imediato e valioso que lhe está sendo roubado.

Essa apercepção temporal tão discrepante aumenta a diferença e o conflito entre gerações. Os filhos querendo o confinamento e o isolamento austero dos pais, por desejarem que essas medidas lhes garantam mais tempo com seus progenitores. Estes, por sua vez, contrariando as expectativas dos mais jovens, preferem muitas vezes apostar na sorte, pois o futuro para os mais velhos é uma incógnita.

Os filhos que se mantêm distanciados, sem impor sua presença aos pais para protegê-los, o fazem como um gesto de amor. Anseiam que os mais velhos não se ressentam com isso, tolerem a ausência, se resignem com a distância, com a ausência da presença real, uma vida sem o carinho materializado no toque, no beijo e no abraço, mas eles sofrem imensamente com o distanciamento.

Os adultos maduros que ainda acreditam na ilusão do futuro e que apostam no confinamento, experimentam sentimentos profundamente ambivalentes. De um lado acreditam que preservam a vida, por outro sentem a vida escapando por entre os dedos e sofrem com a ausência do convívio familiar e social. E o questionamento surge implacável: valerá a pena?

Entramos aí numa outra questão que gostaria de ressaltar e que diz respeito a uma inversão de perspectiva sobre o valor subjetivo da proximidade e do distanciamento.

A pandemia nos forçou a viver na contramão do nosso processo civilizatório, dos movimentos que nos fizeram viver em sociedade, o que torna ainda mais insólito esse momento.

As ameaças da natureza tiveram o poder de aproximar as pessoas em torno de objetivos comuns, fazendo recalcar nossas motivações mais egoístas e destrutivas. O agrupamento humano reuniu-se, então, para guardar o fogo, aquecer-se, caçar, defender-se dos animais selvagens, enfim, para sobreviver. A proximidade, o estar perto, estar junto, fazia a diferença entre a vida e a morte.

Hoje, diante da ameaça de morte, para sobrevivermos, nos vemos obrigados a nos isolar, nos separar, nos afastar, não ter proximidade e nem contato físico. A ansiedade de separação transformou-se em angústia de proximidade.

Somos forçados a romper com esse registro inconsciente filogenético, com essa pré-concepção de que o encontro com o outro nos institui como humanos, que nós existimos pelo olhar, nos braços e no abraço do outro. Para sobrevivermos, precisamos nos distanciar, nos afastar para minimizar a possibilidade da morte, desconstruindo uma certeza milenar.

Com isso, garantimos a sobrevivência do corpo, do soma, mas a que custo para a psique, com que ônus emocional? Como compatibilizar o desejo de tomar no colo uma criança e afagá-la com todo o nosso amor e ter que rejeitar rapidamente esse impulso e essa ideia, pois as crianças, são para os adultos maduros avatares da morte?

Nossos objetos de amor transformados em ameaça, nos arremessam ao vácuo do desamparo e as fragilidades se incrementam. Os nossos registros de afeto e de amor tornaram-se registros mortíferos. O contato virou contágio e o mundo afetivo virou de cabeça para baixo.

Temos medo da proximidade de pessoas que amamos. Medo de que eles possam nos trazer a morte, medo de que possamos levar a morte a eles. Entretanto, devemos ter em conta que para as pessoas mais idosas, a ausência do contato afetivo e do contato físico será tão ou mais virulenta que o coronavírus.

Para muitos idosos, essa realidade é impiedosa demais. Os sentimentos contraditórios são implacáveis, o sentimento de solidão e a própria solidão são desesperadores e a crueldade da culpa que os assola, por transformar em perseguidores os seus objetos mais amados, levam à desesperança. E será justamente o desespero e a desesperança que movem os velhos a desistirem da vida.

Não falo somente da atitude extrema do suicídio, mas de uma desistência psíquica, um desinvestimento em si e na realidade diante do isolamento compulsório, que enjaula a liberdade de ir e vir, que aprisiona o contato afetivo, que distancia a convivência em nome de uma prevenção esterilizadora. Para muitos destes, enfrentar esse novo processo de luto torna-se quase impossível e sucumbem à depressão, iniciando um processo de retraimento patológico, cujo desinvestimento pode produzir movimentos de desafetação e desmentalização, ou seja, o empobrecimento da capacidade de experimentar afetos e de usar o pensamento de forma produtiva, iniciando quadros de senilidade.

Para aqueles que seguem investindo, um novo processo de luto deverá ser realizado para desgastar todo sentimento de perda advinda dessa nova realidade fatídica. Isso será tão mais possível quando pressupomos uma estrutura de personalidade com razoável capacidade defensiva e uma história de êxito diante de frustrações previamente enfrentadas. Para finalizar, voltamos a Freud (1916 [1915]) quando afirma:

O luto, como sabemos, por mais doloroso que possa ser, chega a um fim espontâneo. Quando renunciou a tudo que foi perdido, então consumiu-se a si próprio, e nossa libido fica mais uma vez livre (enquanto ainda formos jovens e ativos) para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais, preciosos (p. 348).

Aqui, nos permitimos discordar do mestre, pois acreditamos e temos escrito sobre isso, que também para os adultos maduros é possível esse reinvestimento libidinal, quando consideramos a existência de um terceiro movimento narcisista que chamamos narcisismo senescente ou terciário.

Penso que a compreensão desse sofrimento subjetivo dos adultos maduros diante dos efeitos psíquicos da pandemia exigirá da psicanálise uma atenção maior, também, como fenômeno coletivo e ampliando sua intervenção no social.

Invoco Freud (1919), que no texto “Caminhos da terapia psicanalítica” antecipa um futuro para a psicanálise:

Agora suponhamos que alguma organização nos permitisse aumentar nosso número de forma tal que bastássemos para o tratamento de grandes quantidades de pessoas. Pode-se prever que em algum momento a consciência da sociedade despertará, advertindo-a de que o pobre tem direito a um auxílio psíquico, [...]. Então serão construídos [...] consultórios que empregarão médicos de formação psicanalítica, para que, mediante a análise, sejam mantidos capazes de resistência e de realização, homens [...] mulheres [...]. Esses tratamentos serão gratuitos. Talvez demore muito até que o Estado sinta como urgentes esses deveres (p. 291).

Tomara que não demore muito mais.

Referências bibliográficas

Demografia da Argentina. n. d. En
Wikipedia. <[https://pt.wikipedia.org/wiki/
Demografia_da_Argentina](https://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_da_Argentina)>[2021, abril 28].

Freud, S. (1916 [1915] /1974). Sobre a
transitoriedade. En Edição standard
brasileira das obras psicológicas completas
de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro:
Imago.

Freud, S. (1919/2010). Caminhos da terapia psicanalítica. En História de uma neurose infantil
("o Homem dos Lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920), Vol. 14. São
Paulo: Companhia das Letras.

Macedo, S. L. de. (2006). Percepção da qualidade de vida em idosos com e sem a presença
de sintomas depressivos. Dissertação (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de
Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas). <[Htts://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B3UHUT/2/corpo.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B3UHUT/2/corpo.pdf) > [2021,
abril, 28].